



Blumenau

em Cadernos

TOMO IV — JUNHO 1961 — Nº 6

HOTEL REX

BLUMENAU
Santa Catarina



**100 apartamentos dotados
de todo o conforto**

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo IV | JUNHO DE 1961 | N.º 6

FRITZ MÜLLER E OS SAMBAQUIS

HITOSHI NOMURA

Sambaqui é um termo de origem tupi aplicado para designar restos de ostras ou mariscos, acúmulo de ostras ou casqueiro. A êsses montes são aplicados os termos ostreiros, berbigueiros, sernambis, etc., no Brasil; conchales na Argentina; "shell mounds" nos Estados Unidos, kjeekkenmoeddings na Dinamarca, etc.

Segundo os especialistas no assunto são três os tipos principais de ostreiros, a saber: 1.º - depósitos naturais, formados pela ação das vagas e correntes de maré; 2.º - depósitos artificiais, construídos pelos indígenas; 3.º - mistos (parte naturais e parte artificiais), podendo estar situados nas regiões litorâneas, lagunares, fluviais e continentais.

Os sambaquis são muito utilizados como lastro de linhas férreas, na fabricação de cal, na pavimentação de vias públicas, etc.

Etnologicamente falando os sambaquis mais importantes são os artificiais e os mistos, por encerrarem ossadas humanas, armas e utensílios dos aborígenes, esqueletos de peixes, aves e mamíferos, etc. As ossadas humanas são datadas conforme a natureza do material que constitui o sambaqui onde foram encontradas.

Devido a essa importância etnológica tem sido tremendo o esforço dispendido por um grupo reduzido de estudiosos para evitar que os concheiros sejam sistematicamente destruídos e utilizados para fins industriais ou comerciais.

Entretanto, por não ser o nosso intuito fazer um estudo completo sobre o assunto, vamos citar alguns trabalhos escritos em vernáculo, onde os interessados poderão se abeberar fartamente e aprimorar os seus conhecimentos sobre a natureza dos sambaquis:

1. BACKHEUSER, Everardo Adolfo: "Os sambaquis do Distrito Federal", Rev. Didática da Esc. Politécnica, (18): 1-30, 1919, Rio de Janeiro;

2. CALIXTO, Benedicto — "Algumas notas e informações sobre a situação dos sambaquis de Itanhaém e de Santos", Rev. Mus. Paul., VI: 490-518, 1894, São Paulo;

3. CAPANEMA, Guilherme S. de — "Os sambaquis", Ensaios de Sciencia, I:79-91, 1876, Rio de Janeiro;

4. KOSERITZ, Karl von — “Sambaquis de Conceição do Arroio”, Rev. Inst. Hist., XLVII: 179-182, 1884, Rio de Janeiro;

5. LEONARDOS, Ohon Henry — “Concheiros naturais e sambaquis”, Dep. Nac. Prod. Min., 109 pp., 1938, Rio de Janeiro;

6. LOEFGREN, Alberto — “Os sambaquis de S. Paulo”, Com. Geog. Geol. Est. S. Paulo, 1893, São Paulo;

7. MARQUES, Abílio A. S. — “As ostreiras de Santos e os kjeekkenmoddings da Dinamarca”, Rev. Bras., VI:185, 1880, Rio de Janeiro;

8. WIENER, Carlos — “Estudos sôbre os sambaquis do sul do Brasil”, Arch. Mus. Nac., I:1-20, 1876, Rio de Janeiro.

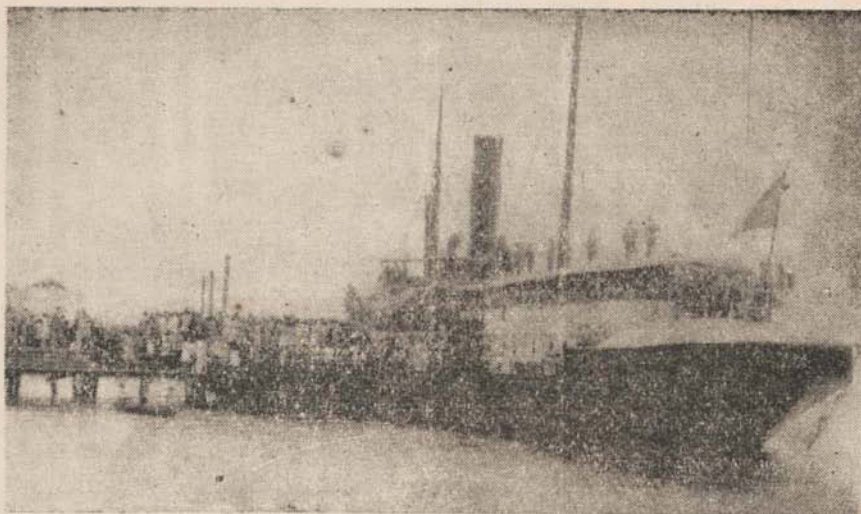
O escôpo dêste artigo é o de mostrar que também Fritz Müller se interessou pelos casqueiros. Numa carta endereçada a Darwin e publicada na revista “Nature”, vol. XIII, 1876, pp. 304-305, diz êle:

“Itajaí, 25 de dezembro de 1875.

Prezado Senhor:

Em Destêrro encontrei-me com dois jovens senhores (Charles Wiener, de Paris, e Carl Schreiner, do Museu Nacional do Rio de Janeiro), os quais, por ordem do govêrno brasileiro estavam examinando os sambaquis da nossa província. Acompanhei-os em algumas de suas excursões. Êsses sambaquis ou casqueiros são montes de conchas acumuladas pelos antigos habitantes da nossa costa; existem em grande número e alguns dêles são atualmente encontrados a algumas milhas da costa, apesar de originalmente terem sido êles, naturalmente, construídos prôximos do lugar onde as conchas viveram. Alguns são de tamanho considerável; fomos informados de que um sambaqui existente numa pequena ilha perto de São Francisco tinha uma altura de 100 metros, mas o maior que vi não excedia 10 ou 12 metros. Quanto às conchas pelas quais são compostos, os sambaquis podem ser divididos em três classes, a saber: (1) Sambaquis consistindo de muitas espécies diferentes de conchas bivalvas e univalvas (*Venus*, *Cardium*, *Lucina*, *Arca*, *Ostraea*, *Purpura*, *Tritonium*, *Trochus*, etc.), tôdas atualmente encontradas vivas no mar; (2) Sambaquis consistindo quase que exclusivamente de conchas bivalvas pequenas, os berbigões dos brasileiros (*Venus flexuosa?*), excessivamente comuns em baías rasas ou lagoas de água salgada, cujo fundo é uma mistura de lama e areia; (3) Sambaquis consistindo exclusivamente de uma espécie de *Corbula*, que ainda não vi no estado vivo; todos os brasileiros que interoguei, e que estão perfeitamente familiarizados com qualquer animal comestível de sua fauna marinha, são unânimes em afirmar que esta concha não vive atualmente na nossa costa. De um dêsses sambaquis obtive um pequeno espécime de *Melampus*, que encontrei vivendo perto da embocadura de alguns ribeiros, onde a água doce e salgada se misturam em proporções sempre variáveis. Quando as baixadas do Itajaí e alguns de seus tributários estavam abaixo do nível do mar, teriam formado um amplo estuário, e provávelmente aí viveu a *Corbula*. Os fragmentos de um crânio humano que encontramos em um dêsses sambaquis eram de uma espessura verdadeiramente surpreendente, visto que outros encontrados em sambaquis de natureza

Retratos do passado



O clichê acima reproduz o embarque, no vapor "TAIPAVA", da Companhia Nacional de Navegação Costeira, do 8.º Batalhão da Fôrça Pública (B.C.R.), constituído de voluntários de Itajaí e dos municípios vizinhos, que se dispunham a combater o movimento constitucionalista, eclodido em São Paulo a 9 de Julho de 1932, mais conhecido como a "Revolução Paulista". O batalhão, que seguia sob o comando do Coronel José Eugênio Müller, partiu do pôrto de Itajaí com destino ao de Paranaguá, onde desembarcou. Daí, pela via férrea, transportou-se a Curitiba, Itararé até a estação de "Engenheiro Maia", distrito de Fachineira, onde estacionou, aguardando ordens. Na volta de "Engenheiro Maia" ficou guarnecendo Itararé durante 3 dias. Dalí regressou a Itajaí, via Paranaguá em outro vapor, em virtude de ter sido sufocado o movimento que ficou registrado na história paulistana como uma das suas mais belas páginas de abnegação e heroísmo. Entre os bravos rapazes que integraram o batalhão que formava uma das unidades com que Santa Catarina cooperou para a vitória do governo federal, estavam Jayme Vieira, Juventino Linhares, João de Albuquerque Belo e muitos outros, hoje figuras de destaque nas letras, no jornalismo, na sociedade itajaíense. A foto foi-nos cedida pelo nosso amigo Paulo Pfeilsticker, a quem agradecemos.



diferente sejam mais espessos do que o nosso. Entre os instrumentos encontrados nos sambaquis, os machados de pedra são os mais frequentes. Mas como o sr. Wiener provavelmente publicará em breve um relato completo de suas pesquisas, não me estenderei mais nesse assunto"...

Tendo chamado a atenção dos leitores sôbre a importância dos sambaquis, esperamos ter despertado o interesse daqueles dotados de bom senso, cuja cooperação será de inestimável valia (desde que tenham conhecimento da existência dos concheiros na região onde cada um habita) se avisarem as autoridades competentes quando exploradores inescrupulosos estiverem destruindo os concheiros artificiais ou mistos que contiverem ossadas humanas, cujo estudo trará mais luz sôbre a natureza e origem do homem.

Estante dos "CADERNOS"

"PIONIERGEIST DER VÄTER ERBE" — Wie eine Frau eine Urwaldsiedlung wachsen sah" — Com uma honrosa dedicatória de sua autora, dona Maria F. Rohde, recebemos um exemplar, encadernado, dêsse interessante trabalho que trata da fundação e do povoamento da Colônia de Pôrto Novo, no oeste de Santa Catarina. Aquêlê estabelecimento colonial, como se sabe, foi criado pela "Volksverein", sociedade que congregava os católicos de língua alemã, no Rio Grande do Sul e em Sta. Catarina e que, além de outras finalidades altruísticas, tinha as de proporcionar facilidades aos filhos dos antigos imigrantes, orientando-os e auxiliando-os na escôlha de novos lotes agrícolas e a sua instalação neles, amenizando-lhes os sacrifícios e os trabalhos por que teriam que passar até que vissem transformadas, em áreas produtivas, as imensas florestas virgens. O espôso da autora, C.F. Rohde, foi nomeado diretor da colônia e pôde, assim, dona Maria, acompanhar, passo a passo, o seu desenvolvimento. É êsse desenvolvimento que ela descreve, magistral e conscienciosamente, em seu livro. A Colônia Pôrto Novo é hoje o próspero e rico município de Itapiranga, a mais ocidental das parcelas administrativas do Estado, tendo se tornado, em poucos lustros, um empório agrícola e comercial de grande importância. Em seu livro, dona Maria conta muita coisa curiosa a respeito da instalação dos primeiros colonos, sob as vistas dos orientadores católicos, o Padre Rueck, o padre Max de Lasperg e outros abnegados sacerdotes que, postos à frente da "Volksverei" e de seus estabelecimentos agrícolas, prestaram assinalados serviços aos colonos que foram povoar o riquíssimo território lindeiro com a Argentina. Para os que se interessam pelo estudo das emigrações estrangeiras para o Brasil, das migrações dentro do próprio território do país e dos problemas que os novos imigrantes devem enfrentar e vencer para o próprio e o sucesso do estabelecimento colonial, o livro de Dona Maria Rohde é muito precioso. Foi impresso na Tipografia do Centro, em Pôrto Alegre, com 335 páginas, bem impressas e fartamente ilustradas com fotografias dos orientadores da colonização e de aspectos locais. Agradecemos, sinceramente, o valioso presente.

"SELLOWIA" Anais botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí. Recebemos o número 12 (Cont.) dessa interessante publicação especializada, que obedece à direção do nosso douto colaborador Padre Raulino Reitz, a que muito já deve o mundo científico pelos seus magistrais trabalhos no campo da botânica. O número em aprêço traz alentado e erudito estudo de M. Barros sôbre "Las Ciperaceas del Estado de Santa Catalina", com grande número de desenhos ilustrativos. Somos gratos pelo obsêquio.



O PRIMEIRO CALENDARIO BLUMENAUENSE, foi organizado pelo pastor Faulhaber, em 1900 e tinha por título "Der Urwaldsbote Volkskalender". Foi impresso pelo Cristlichen Zeitschriftverein, de Berlin. É obra hoje muito rara.

AUGUSTA VON KNORRING

Entre os muitos milhares de imigrantes que o destino trouxe às plagas brasileiras, da metade do século passado, em diante, muitos viveram em seus países de origem — e continuaram vivendo aqui — verdadeiros romances, uns sentimentais, de aventuras outros, e muitos deles em estilo de pura chocarrice.

Já revelamos, nestas páginas, a história triste da infeliz Leontina, espôsa do desventurado ajudante de ordens do imperador Maximiliano, do México, flor delicada que a tragédia de Queretaro impressionara tão profundamente, que nunca mais o sorriso lhe aflorara aos lábios e a vida se lhe foi apagando aos poucos, em bruxuleios melancólicos, até que um túmulo modesto, no velho cemitério católico de Blumenau, abrigou os seus despojos, num triste epílogo de acalentadas ilusões e de sorridentes esperanças.

Quantos vieram fantasiando grandezas e felicidades e aqui encontraram atribulações e contrariedades e, não poucas vezes, a morte prematura, em situação de pobreza e de abandono!

Quantos, ao contrário, (e fôram a grande maioria) vieram desiludidos e pobres, sem grandes aspirações e aqui acharam o bem estar e o conforto, quando não a riqueza e a fartura.

Uns vinham com a cabeça cheia de sonhos doirados e de ambições desmedidas; outros o faziam dispostos a enfrentar a realidade, para fugir, apenas, às perseguições políticas ou religiosas e abrigar-se à sombra de uma bandeira de paz e de compreensão, tivessem, embora, que pagar com trabalhos afadigados e com sofrimentos, a tranqüilidade a que aspiravam.

Lances de um verdadeiro romance foram os que atiraram às terras catarinenses aquela que, durante uma existência inteira, ensinaria e educaria várias gerações de meninas brusquenses, a primeira professora pública da então colônia Itajaí, depois freguesia de São Luiz e atual cidade de Brusque, a baronesa Augusta von Knorring.

Este ano de 1961, marca, exatamente, a passagem do centenário da criação da primeira escola pública para meninos do estabelecimento que Araújo Brusque fundara no ano anterior e da nomeação da sua professora.



Augusta von Knorring, a primeira professora de Brusque, depois de aposentada.



Foram ventos bem adversos os que impeliram dona Augusta até o Brasil. Mas aqui, depois de um período de agruras e sofrimentos, ela viveu anos de quietude e de paz, no sereno e abençoado exercício de uma missão sublime, no recesso de um lar feliz, iluminado pela alegria e a graça da filha única, fruto abençoado de um amor intenso e heróico.

Diante do túmulo da baronesa Von Knorring, no cemitério evangélico de Blumenau, entre os ciprestes e as casuarinas seculares, de que os ventos constantes das bandas do "Spitzkopf" arrancam gemidos que cobrem da maior tristeza a alma da gente, pômo-nos a considerar em quão imperscrutáveis são os desígnios da Providência.

Ali jaz uma descendente de boa estirpe francêsa que, certamente, nos dias da sua infância despreocupada, jamais poderia ter concebido a idéia de vir terminar seus dias na pinturesca colina do templo protestante, a poucos passos do Itajaí de águas barrentas e traiçoeiras.

Não tivera, por certo, a trajetória que a primeira mestra brusquense descreveria na vida, as mesmas características aventurosas, as peripécias extraordinárias da do general francês, que fôra a razão de ter a pequena Augusta Devin nascido na capital da Suécia, país de que aquêle se tornara rei. Mas não deixou de ter lances maravilhosos, que nos arrastam à meditação, a conjeturas filosóficas sôbre os mistérios que envolvem os destinos dos homens na sua peregrinação por êste planeta.

Quando João Batista Bernadotte, depois de gloriosos feitos, integrado nos exércitos de Napoleão, na época em que o grande corso transformava a face política do velho mundo, fêz-se proclamar herdeiro da coroa sueca e, pela morte de Carlos XIII, ocupou o trono da Suécia e Noruega reunidas, levou, para o seu reino, os pais de Augusta Devin, francêses como o general-rei, que passaram a integrar-lhe a côrte.

Ali veio à luz, a 26 de agôsto de 1829, a menina Augusta. Educada com o esmêro e o carinho, característicos da época por que passava o povo escandinavo, a pequena Devin, ao alcançar os seus vinte anos de idade, enamorou-se de um nobre jurista, Eduardo Von Knorring, empregado da Chancelaria do Reino, com êle se casando em 1849.

Eduardo, entretanto, era de físico delicado e de saúde muito precária. Quando estudante na mais setentrional das universidades suecas, em Upsala, fôra acometido de pneumonia. Desta se originou uma infecção pulmonar que o levaria ao túmulo. Os médicos, que o assistiam, recomendaram-lhe a mudança de ares, aconselhando-o a seguir para o Brasil e passar algum tempo no clima temperado e ameno de Santa Catarina.

Von Knorring conseguiu com o rei três anos de licença com vencimentos.

Por êsse tempo, fundava a Sociedade Colonizadora de Hamburgo, a colônia Dona Francisca, nas margens do Cachoeira, em terras do príncipe de Joinville. Fazia-se grande propaganda do empreendimento na Alemanha e norte da Europa, de sorte que, também da Suécia e Noruega vieram alguns emigrantes.

Em 1849, no mesmo ano do seu casamento, Von Knorring embarcou, com a jovem espôsa, num navio norueguês que trazia os primeiros colonos para dona Francisca.

Nesta colônia o casal procurou radicar-se, tentando, em ocupações leves, tornar menos monótona e mais suportável a estada obrigatória e prolongada. O clima das margens do Cachoeira, entretanto, demasiado quente e húmido, obrigou-o à escôlha de novo local, de melhores índices climáticos.

Von Knorring e a jovem espôsa voltam e tentam fixar-se em São Francisco, para regressar, pouco depois, a Joinville. E, assim, entre um e outro centro, ou nas suas imediações, escoam-se os três anos de licença.

Os bons ares catarinenses retardavam o progresso da moléstia que lhe ia minando os pulmões, porém não davam a Von Knorring a completa e suspirada cura. E, com o fim da licença, cessariam também os proventos que vinha recebendo. Urgia, assim, o seu regresso à pátria a fim de reassumir as suas funções na côrte.



★

A baronesa von Knorring, em 1868, em companhia de sua filha Matilde, depois casada com Paulo Schwartz, primeiro redator do "Immigrant", Comissário de Terras Públicas, advogado, e um dos homens que muito concorreram para o engrandecimento material e cultural de Blumenau. Matilde e suas filhas, de quando em quando, seguiam, de carro-de-mola, para Brusque, em visita à Dona Augusta, com ela permanecendo por vários dias, tomando, geralmente, parte nas homenagens que as suas alunas lhe prestavam, nas datas de seu aniversário, em comoventes manifestações de respeito e estima pela dedicada educadora que, por quase quarenta anos consecutivos, regeu a primeira escola pública de sexo feminino de Brusque, ganhando, nos primeiros tempos, 30 mil réis mensais. As informações, em que baseamos este artigo, nos foram dadas pela neta de Dona Augusta von Knorring, outra desvelada educadora, dona Alice von Moers, a quem muito agradecemos a preciosa cooperação.

★

Embarcou-se o casal para o Rio de Janeiro para, dali, tomar um veleiro que o conduzisse de volta à Suécia.

Na capital do Brasil, entretanto, Von Knorring teve de tal forma agravado o seu mal, que foi impossível a partida. Resolveu permanecer no país, aceitando uma oferta de administração de uma fazenda em Magé, cidade situada no fundo da baía de Guanabara.

Nessa fazenda de Magé, teve o casal a alegria de ver nascer-lhe a filha Matilde que, pelos anos a fora, foi a companheira dedicada e amorosa de dona Augusta.

Dia a dia, porém, as fôrças iam faltando ao doente. Não possuía mais a energia necessária à lide árdua de um administrador de empreendimento agrícola, com uma dezena de escravos que nem sempre lhe obedeciam prazerosamente as ordens, antes burlando-as por todos os meios e modos.

Dona Augusta tentou fazer as vèzes do marido nos encargos que demandavam maior esforço e energia. Mas os escravos negavam-se a obedecer-lhe ao mando. E, paralizado ou mal feito o serviço dos cativos, todo o estabelecimento ficava na iminência de completo fracasso.

Assim, resolveu Von Knorring, passado um ano, regressar a Santa Catarina onde, além da amenidade do clima, já contava com muitas amizades entre as quais êle e os seus encontrariam maiores facilidades para enfrentar os percalços da vida.

Em Santa Catarina viveram como ciganos, de um lugar para outro, sempre à procura de melhores ares, de maior tranqüilidade para o doente.

Moraram em Destêrro. Aí, Von Knorring dava lições de latim e a espôsa costurava e bordava, artes em que era exímia. Depois, mudaram-se para São Pedro de Alcantara e, em seguida, para São José, para a pitoresca Enseada do Brito, para o bucólico São Miguel, onde com pouca tarefa para a agulha, dona Augusta abriu um curso de primeiras letras, e para Tijuquinhas, indo, finalmente, aportar à Colônia Itajaí, para onde, pouco antes, o presidente Araújo Brusque havia mandado algumas dezenas de famílias alemãs que precisavam de escola para os seus filhos. Dona Augusta candidatou-se ao cargo, por sugestão do barão von Schnéeburg, diretor da colônia, prestou exames na capital da província e, por ato que se seguiu ao da criação da cadeira de primeiras letras, foi nomeada professôra pública.

Instalada em modesto prédio de madeira, onde a família Von Knorring também passou a residir, a escola de Dona Augusta distinguiu-se muito logo pela dedicação e eficiência, postas a serviço da instrução e educação das gerações de meninas que por ela foram passando.

Três anos depois, em 1864, a morte pôs o ponto final nos sofrimentos de Eduardo von Knorring.

Pôde, então, a viúva devotar-se, inteiramente, à sua escola e à educação da filha.

Seus irmãos, residentes em Estocolmo, sabedores da morte de Von Knorring, instaram para que Dona Augusta regressasse à pátria, pois a situação da família lá era das mais prestigiosas e desafogadas.

Mas, dona Augusta prendera-se já por tão profunda afeição à nascente colônia, às crianças, à escola que, por nada do mundo as trocaria, nem pelo conforto e bem-estar na velha Europa. Empolgara-se pela paisagem do Itajaí; sabia avaliar o muito que a sua dedicação à causa das pequenas brusquenses poderia concorrer para o sucesso do empreendimento que o barão de Schnéeburg administrava e a responsabilidade que lhe tocava na organização da nova comuna, onde milhares de imigrantes, como ela, iriam encontrar tranqüilidade e abastança num trabalho árduo e difícil, sim, mas também abençoado e glorioso porque orientado para a grandeza de uma pátria generosa e boa.

Matilde von Knorring, criada com os mimos de filha única, embora dentro dos rígidos princípios e das regras da moral cristã, característicos dos processos educacionais da época, em pouco despertou, pelas suas prendas e pela sua discreta beleza, as atenções do filho de um marcineiro, que se estabelecera na sede da colônia, depois de constatar a sua inaptidão para as lides da roça, tentadas num lote adquirido

Itajaí acima. O rapaz era empregado de uma casa de negócio e viria, mais tarde, a desempenhar papel saliente na vida social, política e administrativa de Blumenau. Era Paulo Schwartz.

Casaram-se. Os anos foram correndo, e dona Augusta, distante da filha, que se mudara para a colônia vizinha, continuou dedicada à sua escola, às suas alunas.

Tornara-se, na pacata Brusque do século passado, tranqüila e modesta, figura tradicional e querida. Suas alunas, surpreendiam-na, nos seus dias de aniversário, com manifestações espontâneas e ternas, trazendo-lhe flôres, discursos e poesias, preparados às escondidas pelas mães, orgulhosas e felizes por as verem entregues a cuidados de tão respeitável e virtuosa mestra.

E, de quando em quando, a filha, que já lhe dera quatro netinhas, aparecia em Brusque, com o marido e a criançada, para participar da alegria geral e encher de maior felicidade o coração da desvelada preceptora.

Por trinta e quatro anos consecutivos, assídua e zelosamente, atendeu dona Augusta aos seus deveres de mestra, ensinando com o carinho e o interesse próprios, mais de uma verdadeira mãe do que de simples professôra de primeiras letras. Integrada na vida de Brusque, tomou parte ativa nas iniciativas de ordem social e cultural, presente sempre nas festividades e reuniões de cunho beneficente, prestativa, despida dos preconceitos de nobreza. Católica fervorosa, esteve sempre à frente das realizações que visassem ao aperfeiçoamento moral e religioso da comunidade, esmerando-se na colaboração eficiente que emprestou à direção da paróquia.

Em 1895, passou a gozar de merecida aposentadoria. E, como não tivesse outros parentes em Brusque, transferiu-se para Blumenau, indo residir em casa de sua filha, concentrando em suas quatro netinhas todos os cuidados e atenções. Auxiliava-lhes a educação e o estudo, levava-as, todos os domingos, com uma assiduidade que não seria de esperar na sua idade, às missas e ao catecismo. Dava-lhes lições diárias de português, que dominava mais que satisfatoriamente, de geografia e aritmética.

Nesses afazeres, em que gastava grande parte do dia, entre a estima e a veneração da filha e do genro, viu transcorrer, felizes, os últimos anos de sua vida, somente cessando a sua abençoada atividade poucos dias antes da sua passagem para a eternidade. Morreu cercada de todos os cuidados dos parentes e amigos a 26 de julho de 1898. Foi sepultada no cemitério católico. Quando êste, devido aos trabalhos de arrasamento do morro da matriz, em que se encontrava, foi demolido, os restos de Dona Augusta von Knorring foram transferidos para o cemitério evangélico, para o túmulo da família, onde ainda repousam.

A memória dessa incansável e digna professôra estará sempre presente na gratidão dos brusquenses a quem ela deu tôda uma existência de dedicação e de afeto.



UM VALIOSO GUIA para os que desejam conhecer a literatura do Vale do Itajaí é o "Kritisches Repertorium der deutsch-brasilianischen Litteratur", de Oscar Constatt, publicado em Berlin, em 1902.

HÁ CEM ANOS ATRÁS

Foram diversas as glebas de terras requeridas, antes da fundação de Blumenau, acima do salto do Itajaí (hoje da Empresa Fôrça e Luz, em Weissbach). Várias delas teem suas informações, dadas pela câmara de Pôrto Belo, a que o território, então, estava sujeito, registradas em livro que temos em nosso poder.

Mas, parece que os requerentes dessas glebas, nunca as ocuparam, deixando-as abandonadas e, finalmente, caídas em comisso. Passaram, então a pertencer ao patrimônio da colônia Blumenau, com a oficialização desta, em 1860.

A colonização dessas terras, acima do Salto, dum e doutro lado do rio, inclusive as do vale do rio do Têsto, começou em 1861. Um jornal do Destêro, capital da província, publicou, com data de 1.º de março daquele ano e assinatura do diretor, dr. Blumenau, o seguinte: EDITAL. "Tendo esta diretoria de proceder à medição e demarcação de lotes de terras para imigrados, que se devem esperar, e pretendendo principiar nos terrenos sitos acima do Salto do Itajaí-Açu, que se reputam devolutos e pertencem ao território privativo desta colônia, assim se faz público, a fim de que, na forma do artigo 19, do regulamento de 30 de janeiro de 1854, tôdas as pessoas que se julgarem com direito sôbre terras, sitas na mencionada parte e, se prejudicadas pela pretendida medição, apresentem a esta diretoria, até 16 de junho, próximo, as suas petições e os documentos, ou suas cópias autênticas, em que fundarem a sua pretensão".

Citando êsse fato, de incontestável importância para o desenvolvimento da colônia, convém lembrar o que era Blumenau há cem anos atrás. Existe um mapa anexo ao livro "*Die deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Südbrasilien*", publicado pelo dr. Blumenau em 1858, em Rudolstadt, do qual se pode verificar, exatamente, o território então ocupado pelos colonos, vindos de 1850 em diante e quantos eram os lotes ocupados.

Naquela época, a colônia constava de seis zonas, medidas e habitadas, a saber: 1.^a) a sede da colônia que se estendia pelas duas margens do Garcia, mais ou menos do hospital protestante para baixo, até pouco além do hospital municipal (Sto. Antônio), na atual rua Itajaí. 2.^a) margem direita do Garcia para cima, até a Empresa Garcia, aproximadamente; 3.^a) margem esquerda do Garcia, até a mesma altura; 4.^a) A atual rua São Paulo, mais ou menos da Escola Senaí para cima; (os terrenos compreendidos entre o ribeirão Garcia e a praça Fritz Müller e todo o Vale da Velha só mais tarde começaram a ser colonizados. Eram propriedade particular do dr. Blumenau). 5.^a) a atual Itoupava-Norte e parte da Fortaleza, na margem esquerda do Itajaí-Açu; 6.^a) Volta do Capim, à margem esquerda do rio. "A Casa Fritz Müller já ficava fora do território da colônia.

Vê-se, assim, que em 1860 a colônia Blumenau, tôda ela, compreendia um território menor do que o da atual cidade.

Chegaram da Europa e de diversas partes do Império, em 1861: Homens 312 e 236 mulheres, num total de 548 indivíduos.

<i>Na colônia existiam em</i>	1860	1861
Fogos	194	251
sendo: casas sólidas (de tijolos ou madeira)	63	72
moradas provisórias (ranchos de palmitos)	131	179
(65 casas estavam em construção)		
proprietários	218	336
Profissões: marceneiros	6	9
carpinteiros	6	9
carpinteiros de carros	2	2
idem de canoas	1	1
construtores de engenhos	2	2
torneiros	2	3
tanoeiros	2	3
pedreiros	3	7
telheiros	1	2
açougueiros	2	3
alfaiates	2	3
sapateiros	4	5
seleiros	2	3
funileiros	1	1
ferreiros	3	3
mecânicos e serralheiros	1	1
caldeireiro	1	1
relojoeiro	—	1
Total	41	57
<i>Fábricas:</i>		
Olarias de telhas e tijolos	3	3
idem de louça de barro	1	1
fábrica de vinagre	1	1
fábrica de cerveja	1	2
idem de charutos	1	2
padarias	1	1
engenho de serrar	2	3
moínhos	2	2
	12	15
<i>Estabelecimentos diversos:</i>		
boticas	1	1
casas de negócio	3	5
hospedarias e tavernas	2	5
	6	11
<i>Estabelecimentos rurais:</i>		
engenhos de açúcar	47	51
alambiques	47	51
engenhos de farinha de mandioca	33	47
	127	149

Superfície cultivada:

Braças quadradas	1.220.000	1.758.000
sendo com:		
mandioca		7.000
feijão		20.000
milho		200.000
tubérculos		100.000
cana de açúcar		150.000
café		25.000
fumo		5.000
arroz		2.000
pastos		600.000
desmatadas, ainda sem plantação		401.000

Produção:

Açúcar	arrobas	3.500	7.322
cachaça	medidas	17.400	22.013
farinha mandioca	alqueire	1.430	2.594
feijão	"	404	388
milho	mãos	27.300	24.650
fumo	arrobas	43	171
tubérculos	alqueire		5.200
café	arrobas		129
arroz	"		50
leite	medidas		19.850
manteiga	arroba		212

Animais:

vacum	401	513
cavalar	58	61
caprino		30
suíno	1.164	1.097
aves domésticas		7.500

Prédios públicos:

Casas de hospedagem, de madeira falquejada	5
cozinhas	14
privadas	3
(quatro dessas casas foram construídas neste ano e uma delas está por ser terminada)	1
Morada do padre evangélico	1
rancho do guindaste	1
(princiou-se a construção da casa da escola)	

Meios de comunicação:

Fizeram-se neste ano: Estradas transitáveis para carros: braças correntes	4.359
(Entretanto faltam ainda, numa parte destas estradas, as valetas, atêrros e escavações e deve-se substituir algumas pontes provisórias por pontes mais sólidas)	
Caminhos transitáveis para cavaleiros. Braças correntes	912

Pontes sólidas	18
(algumas dessas pontes precisam ainda de concertos e trabalhos para o seu acabamento, que só podem ser feitos, depois de passado algum tempo.	
Pontes provisórias	14
Bueiros	24
Balsas de passagem	2
(há outras cinco barcas para passagem anteriormente existentes)	
<i>Aparelhos</i>	
Guindaste com carro e corrente forte e comprida	1
escada grande, de 84 degraus	1
<i>Terras medidas:</i>	
picadas de frente (braças)	21.033,9
linhas laterais e de fundos	6.177,7

A moralização da colônia era muito satisfatória.

Existe na colônia um juizado de paz e uma sub-delegacia de policia.

Em 1861, apenas duas pessoas foram condenadas por briga.

Pelo seguinte quadro, elaborado pelo fundador da colônia, tem-se uma noção exata do que era Blumenau há um século, ou seja, no primeiro ano de sua existência como colônia imperial:

QUADRO ESTATÍSTICO DA COLÔNIA BLUMENAU NO ANO DE 1861

<i>Número de moradores</i>	<i>Em 1860</i>	<i>Em 1861</i>
Famílias	547	1.531
Homens	190	548
Mulheres	447	710
Maiores	486	837
Menores	461	694
Solteiros	591	956
Católicos	29	162
Protestantes	918	1.369
Naturalizados	80	76
Nascidos (em 1861: 26 masc. e 34 fem.)	45	60
Falecidos (em 1860: 17 adultos e 11 menores)	9	28
<i>Casamentos:</i> Católicos	0	1
protestantes	7	15
mixtos	0	1

(O alto número dos falecidos, coisa extraordinária para esta colônia, resulta dos colonos recém-chegados, dos quais faleceram 23, e entre êstes, 4 afogados. A causa desta grande mortalidade foi a febre nervosa que aquêles colonos já trouxeram do navio).



OS CALENDÁRIOS POPULARES tornaram-se muito comuns entre os teuto-brasileiros dos Estados do Sul. O primeiro, ao que se sabe, foi publicado em Destêrro (hoje Florianópolis) em 1864, sob o título de "Sancta Catharina Volkskalender".

Sociedade Amigos de Brusque

Em ofício datado de 15 do mês **passado**, comunica-nos o segundo secretário dessa entidade, a eleição da sua nova diretoria, assim constituída: Presidente, Ayres Gevaerd; vice, Horst Schloesser; 1.º secretário, Armando E. Polli; 2.º, Adherbal V. Schaeffer; 1.º Tesoureiro, Antônio Heil; 2.º, Wallace Borba; Conselho: Dr. Guilherme Renaux, Padre Raulino Reitz, Cyro Gevaerd, Arthur Schloesser, Ingo Arlindo Renaux. Suplentes: Antônio Teixeira Dias, Álvaro F. Martins, Joaquim F. S. Lobato, Wilson Santos e Cônego Valentim Lock. Cumprimentando a nova e ilustre diretoria, fazemos votos para que a SAB continue, sempre atenta aos interesses de Brusque, pugnando pela grandeza e prosperidade do "Berço da fiação catarinense".

Em reunião realizada a 31 de maio, último, a Sociedade Amigos de Brusque aprovou, por unanimidade, a indicação do nome do sr. J. Ferreira da Silva para sócio correspondente da mesma associação. No ofício em que lhe participa a ocorrência, o ilustre presidente da SAB, sr. Ayres Gevaerd afirma que a contribuição cultural do sr. Ferreira da Silva "para a história de todo o Vale do Itajaí é também para os brusquenses imensamente honrosa e, para a Sociedade Amigos de Brusque, grande satisfação contá-lo em seu quadro social".



A **PROPÓSITO** do artigo "Um documento ignorado sôbre o comêço de Blumenau, publicado no número 3 (março), dêste ano, dos "Cadernos", escreve-nos o nosso ilustrado e prezado amigo, dr. Carlos Fouquet: "Quem achou as notícias do Conselheiro de Justiça Hering sôbre Blumenau, as quais foram publicadas na revista "Suedamerika", de Buenos Ayres, e mais tarde em vernáculo, nos "Cadernos", foi um antigo blumenauense, o dr. Herbert Koch, que cêrca de 1915 foi diretor, por alguns anos, da "Escola Nova" de Blumenau, mais tarde diretor da "Escola Alemã", de São Paulo e co-fundador da sociedade "Verein für Wissenschaft und Kunst", antecessora do Instituto Hans Staden. O dr. Koch é, atualmente, e há mais de decênio, docente de língua e literatura portuguêsas da Universidade de Jena e é sócio correspondente do nosso Instituto. Em 3 de maio p.p. pôde êle festejar o seu 75.º aniversário natalício em plena atividade". Agradecendo ao dr. Fouquet a informação, sugerimos-lhe que escreva ao dr. H. Koch para que dê mais algumas buscas nas bibliotecas de Jena e nos jornais da época dos começos de Blumenau e nos mande, para publicação nos "Cadernos, tudo quanto encontrar a respeito da colonização do Vale do Itajaí. E faça chegar também, ao dr. Koch, com os nossos antecipados agradecimentos, felicitações pelo seu aniversário e os votos de saúde e disposição para continuar, ainda por muitos anos, os seus proveitosos estudos.



G **USTAVO STUTZER**, que adquiriu os terrenos do dr. Blumenau na Ponta Aguda e na "Velha", era pastor protestante e homem de grande ilustração. Publicou vários trabalhos e, entre êles, "Das Itajahy-tal und die Colonie Blumenau" em 1887 e "Reiserinerungen eines altes Mannes, von 1909 - 1914", que se referem a Blumenau.

23.º - DR. AFONSO RABE - 1941 a 1944



O senhor Ferreira da Silva foi substituído no governo do município, a 28 de junho de 1941, pelo médico dr. Afonso Rabe, de tradicional família blumenauense. Sem ligações ou compromissos político-partidários, pôde o novo edil dedicar-se, inteiramente, aos interesses municipais e o fez, naturalmente, voltando-se de um modo particular para a solução dos problemas relacionados com a saúde pública e a assistência social. Tratou, logo de início, da demolição do prédio em que se achava instalado o Hospital Municipal e da construção de outro que melhor atendesse às necessidades da população e ao progresso extraordinário que ia tomando a cidade. Ultimou, além disso, os trabalhos de instalação da rede de água potável, iniciada no governo

do seu antecessor. Prosseguiu amparando e desenvolvendo a Escola Agrícola Municipal, no bairro da Itoupava-Sêca. Realizou uma administração honesta, conscienciosa, correspondendo, por inteiro, à confiança com que o honrara o então interventor federal no Estado, o saudoso e inesquecível Nereu Ramos.

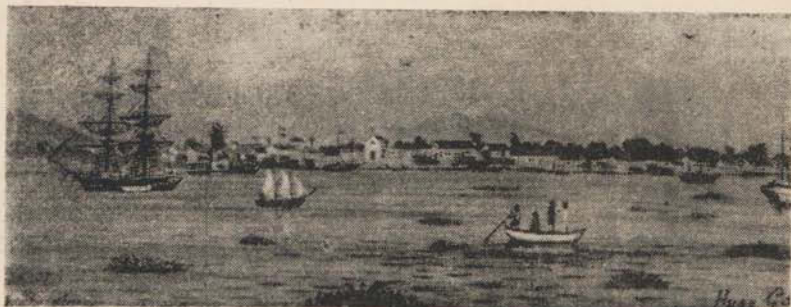
O dr. Afonso Rabe nasceu em Blumenau a 26 de maio de 1906, filho de Artur e Elvira Rabe, esta falecida em 1951. Fêz seus estudos primários no Colégio "Santo Antônio" e, depois, no Grupo "Luiz Del-fino", de Blumenau. Bacharel em letras pelo Ginásio Catarinense, em 1923. Matriculou-se, depois na faculdade de medicina da Universidade do Rio de Janeiro, colando gráu com defesa de tese. Embarcou em 1930, como médico, no transatlântico brasileiro "Raul Soares". Já no ano seguinte instalou sua clínica nesta cidade. Em 1933, casou-se com D. Aida Schmalz. Em 1934 substituiu o dr. Francisco Kübel na direção do Hospital Municipal, tendo sido nomeado delegado de higiene do município. Ao deixar a prefeitura, em 1944, seguiu para São Paulo, fazendo ali o curso oficial de Saúde Pública, na Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo. Em 1945, foi nomeado diretor do Pôsto de Saúde desta cidade e do 3.º distrito sanitário do Estado. Em 1949, pediu transferência da carreira de médico-sanitarista para a de médico-tisiologista a fim de organizar e dirigir o serviço de tuberculose no Centro de Saúde. Em 1949, após concurso de provas, foi nomeado lente catedrático de higiene, educação sanitária e puericultura da Escola

Normal "Pedro II", de Blumenau, cargo que vinha exercendo, interinamente, desde 1948. No biênio de 1957 a 1959, foi presidente da seção regional da Associação Catarinense de Medicina. Em 1959 aposentou-se como médico fisiologista do Centro de Saúde.

Com tão preciosa fôlha de serviços prestados a Blumenau e a Santa Catarina, o dr. Afonso Rabe se vê ainda cercado da estima e do respeito de todos os blumenauenses.



Itajaí no passado



Reprodução da tela de Hugo Colgan que representa a cidade de Itajaí em 1884. Vê-se um dos veleiros em que, nos meados do século passado, vinham as levas de imigrantes para o Vale do Itajaí, depois de quatro e mais meses de travessia do Atlântico. A matriz era ainda a capela primitiva, com o sino em armação de madeira lateral. Trapiches e pilhas de madeira caracterizavam o aspecto do pôrto, onde se vê o navio de rodas "Progresso", que fazia viagens regulares entre Itajaí e Blumenau.



O PROFESSOR de uma linha colonial, onde o alemão era a língua usada pela totalidade dos seus moradores, esforçava-se por ensinar aos seus alunos, ao mesmo tempo que o alemão, noções da língua pátria, fazendo-os traduzir, de um para outro idioma, pequenas sentenças.

Certa feita, escreveu êle, no quadro negro, para ser traduzido para o alemão, a seguinte frase:

"O ano tem doze meses".

E a maioria das crianças traduziu-a assim:

"Ana hat süsse Tische".

É que haviam tomado ano por "Ana", doze por "dôce" (süss) e meses por "mesas" (Tische).

"Ana tem dôces mesás".



UM PRETO, DE NOME SILVÉRIO, que morreu em Itajaí, em 1928, em idade muito avançada, foi um dos canoieiros que transportava, seguidamente, o Dr. Blumenau da então Vila de Itajaí para a sua colônia. Êsse preto também ajudou, em companhia de um outro, de nome Desidério, a abertura das primeiras picadas na colônia.

GENÉSIO MIRANDA LINS



Aquêles que distinguem êste mensário com a sua leitura periódica, devem ter constatado que temos tido o máximo cuidado na seleção de tôda a matéria trazida para estas páginas.

Temos nos conservado dentro das linhas de completa imparcialidade, de absoluta independência, traçada em nosso número de estréia, como convem a publicações culturais como a nossa.

Esta seção, especialmente, foi, até agora (e sê-lo-á daqui por diante) publicada com as cautelas necessárias, visando, antes, aos méritos dos homenageados do que, propriamente, a simpatias pessoais, a interêsses financeiros ou a conveniências políticas.

Por isso mesmo, temos focalizado, de preferência, figuras modestas, cujo prestígio e influência se concentram no muito que reali-

zam pelo progresso da sua terra e pelo bem estar dos seus concidadãos.

Querer, porém, seguir tal critério de uma forma absoluta, excluindo, sistematicamente, os grandes nomes da política, das finanças, das altas esferas sociais só porque, homenageá-los poderia ser tomado por bajulação, pelo fruto de interêsses subalternos, ou simples gratidão por benefícios recebidos, esquecendo, de outro lado, o bem que teem feito e continuam fazendo à região ligada à área de suas atividades e ao seu povo, seria incidir em lamentável injustiça.

Publicação que se destina, exclusivamente, ao estudo e à divulgação da história do Vale do Itajaí e dos problemas que, de perto ou não, interessem ao seu desenvolvimento cultural, nem por isso poderemos deixar de apontar à estima e ao aprêço das gerações porvindouras os que, na atualidade, pelo altruísmo de sua ação, pela patriótica interferência nos assuntos que se relacionam com o bem estar coletivo e o engrandecimento do Estado e do país, deixam assinalada a sua passagem por êste mundo, nas realizações com que engrandecem a terra de seu berço e beneficiam as instituições destinadas a minorar as necessidades dos desprotegidos da fortuna, concorrendo, com auxílios espontâneos e generosos, para que haja maior justiça social e maior compreensão entre os homens.

Acodem-nos essas considerações quando nos propomos prestar a nossa homenagem a ilustre filho do Vale do Itajaí, há pouco honrado

com alta distinção pelo chefe da igreja católica, eleito o Banqueiro do Ano, pela revista "Visão", dos mais prestigiosos órgãos da imprensa do país.

Não é, certamente, por ser diretor de um dos maiores estabelecimentos de crédito, nem pela soma de prestígio de que goza nos meios econômicos e financeiros do Brasil, que trazemos, para estas colunas, os dados biográficos de Genésio de Miranda Lins, num registro destinado à consideração das gerações futuras.

É pelo muito que a sua vida significa para nós e para os que nos sucederem, em exemplos de dedicação e de amor ao trabalho, de perseverança no cumprimento do dever, de esforço honesto e persistente no propósito de alcançar sempre os postos mais elevados, menos para a própria satisfação do que pela possibilidade de conseguir meios para benefício da coletividade de que faz parte.

Genésio Lins nasceu em Itajaí a 26 de agosto de 1903, filho de Eduardo Pessoa Lins, natural de Pernambuco e da itajaiense dona Julieta de Miranda.

Muito cedo ficou órfão de pai, tendo, já aos 14 anos de idade, se empregado, como contínuo, na filial do Banco Nacional do Comércio de sua cidade natal. Pela sua dedicação, assiduidade ao trabalho e capacidade de apreensão, foi galgando, um a um, todos os postos até chegar à gerência, a cuja frente teve oportunidade de pôr em prova a sua capacidade de administrador sensato e prudente. Em 1935, inspira a organização de um estabelecimento de crédito local, idéia a que aderiram, imediatamente, Irineu Bornhausen e Oto Renaux e que se concretizou na criação do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A.

Que a orientação imprimida por Genésio Lins ao novo Banco, foi das mais inteligentes e acertadas, provam-no o sucesso e o prestígio que conquistou nos meios econômicos do país, advindo, da sua expansão, não apenas por todo o território catarinense, como por todos outros e importantes Estados da federação, benefícios incalculáveis ao nosso desenvolvimento material e moral.

Longe de se envaidecer com os sucessos alcançados, Genésio não deixou nunca de ser o homem simples e serviçal, aproveitando os bens que a fortuna lhe prodigalizou para fazer o bem, sempre que se lhe apresente ocasião. Ajuda os que dêle precisam; auxilia estabelecimentos de caridade; estimula as boas iniciativas; protege as instituições que visem a trazer ao nosso povo melhor índice de vida e mais justiça para os pequenos. Tem, por tudo isso, merecido o reconhecimento de governos e instituições particulares, do país e do estrangeiro e (o que, para nós, representa muito mais) a estima dos seus concidadãos.

Preferindo a pacatez e a beleza da sua modesta terra natal, às atrações e ao conforto dos grandes centros, Genésio Lins continua vivendo em Itajaí cercado da estima dos seus familiares e amigos, da veneração do seu povo, do respeito dos homens de bem, da gratidão de todos.

De seu matrimônio, Genésio Lins tem os seguintes filhos: Dr. Eduardo dos Santos Lins, advogado; Francisco Lins, economista e d. Rosy Lins Bornhausen, esposa do dr. Roberto Bornhausen.

O primeiro vigário de Gaspar

O padre Franz Gattone, que foi o primeiro vigário de Gaspar e, também, de Brusque, era amigo e colega do padre Carlos Boegershausen, pároco de Joinville.

Três anos depois da vinda dêste último para o Brasil, o padre Gattone também resolveu embarcar para cá.

O padre Carlos designou-o, então, para servir a capela de Belchior que, em 1850, fôra construída por Schramm e outros colonos alemães, residentes às margens do Itajaí Açu, na altura de Gaspar.

Foi êle quem deu os primeiros passos para a criação da freguesia de Gaspar, fato que se concretizou a 25 de abril de 1861.

Em 1864, como vigário de Gaspar, o padre Gattone celebrou a missa inaugural da primitiva capela de Blumenau, que era de madeira.

Depois de permanecer seis anos em Gaspar, o padre Gattone foi transferido para Brusque. Em seguida, foi vigário da Laguna, no sul do Estado, indo, dali, para a paróquia de Vassouras, no Estado do Rio.

Mais tarde, foi capelão da igreja da Glória, no Rio de Janeiro.

Era homem de muita cultura. Falava o alemão, o português, o latim, o italiano, o francês e o inglês.

Morreu no Hospital de Nossa Senhora da Gamboa, no Rio, a 28 de janeiro de 1901. Nesse hospital e, por aquêlo tempo, morreu também o primeiro vigário de Blumenau, o padre José Maria Jacobs.

Os últimos instantes da vida do Padre Gattone foram assistidos pelo franciscano Frei Crisólogo, um dos pioneiros da restauração da província franciscana da Imaculada Conceição.



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

MARÇO DE 1961

1 — O sr. José Vieira Côrte assume o cargo de Delegado do Ensino, em substituição ao sr. Nilo Borghesi, transferido para outro posto, na capital do Estado.

— O "problema do trânsito" na rua 15 de novembro continua em pauta na imprensa local. O novo delegado especial de polícia, sr. Tenente João da Mata, que assume o cargo no decorrer do mês, propõe, então, resolver o caso com a proibição de estacionamento de veículos na rua 15 de novembro projeto que encontra gerais protestos como inadequado.

— Resultado do censo em Santa Catarina: População de quase três milhões e cem mil habitantes. Confronto dos dados sobre a população da capital do Estado: 1920: 41.338; 1940: 46.771; 1950: 67.630; 1960: 98.520.

2 — Forte incêndio irrompe na Fábrica de Artefactos de Borracha, destruindo, por completo, essa importante indústria Blumenauense. A ação dos bombeiros

foi mínima, em virtude da falta de hidrantes nas imediações do estabelecimento, à rua São Paulo e falta de acesso ao Itajaí Açu, em cuja margem estavam localizados os edifícios ora destruídos.

— Em Gaspar, onde, em novembro do ano passado, uma casa residencial fôra danificada pelo choque com um caminhão de carga, que apanhara e ferira, também, 3 pessoas na calçada fronteira, foi, agora, parcialmente destruída por um incêndio.

— Fortes temporais causam estragos na zona média do Itajaí, principalmente em Timbó e Arroeira, onde estradas, pontes e plantações são destruídas pelas águas e carregadas pelas cheias dos rios de envolta com animais domésticos, como aves, porcos, bois e vacas.

— Comentam os jornais o aumento do leite de Cr\$ 10,00 para Cr\$ 13,00 a garrafa.

10 — O sr. Willy Sievert exhibe no Teatro "Carlos Gomes" filmes culturais suíços, em cores,

e assim um novo "Blumenau-Jornal", também colorido.

12 — Morre, trágicamente, o sr.

Rafael Curtipassi, funcionário da Prefeitura Municipal, sob as rodas da locomotiva de um comboio da Estrada de Ferro Sta. Catarina, no bairro de Ponta Aguda. Segundo depoimento de uma testemunha ocular, a vítima teria se precipitado sobre os trilhos, quando o trem surgiu no túnel, antes de passar pela ponte de aço sobre o Itajai-Açu.

— O sucessivo aumento do custo de vida provoca comentários na imprensa local, chamando-se a atenção das autoridades federais para o abuso constante na alta e disparidade dos preços cobrados pelos gêneros de primeira necessidade.

15 — O procurador geral do Estado, dr. Milton Leite da Costa, em visita à nossa cidade, é homenageado na Churrascaria Continental, à rua 15 de novembro, onde compareceu o sr. juiz de direito da 1.^a Vara, os promotores públicos das duas varas, advogados militantes no nosso fóro, defensores públicos, tabeliães, escrivães, serventuários da justiça, um deputado estadual e o diretor do "O Estado", de Florianópolis.

18 — Inaugura-se o primeiro Super-Mercado em Blumenau, à rua 4 de fevereiro.

— Notícia a imprensa que o blumenauense Ivan Oleg von Hertwig, defendendo tese sobre metalurgia do Ferro e Aço, obteve, na Alemanha, a aprovação máxima e que o dr. Marcos Heusi Neto diplomou-se, também com notas destacadas, na Faculdade do Rio de Janeiro, tendo sido, de 1957 a 1958 presidente da União Nacional dos Estudantes. Heusi Neto é outro filho de Blumenau.

20 — Falece o sr. Luiz Haertel, representante de tradicional família do bairro de Itoupava-Norte.

21 — Em virtude da escassez de trigo no município, o prefeito Hercílio Deeke telegrafa ao sr. governador do Estado e presidente da COAP pedindo providências.

25 — A conferência dos governadores do Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul com sr. Presidente da República, dr. Jânio Quadros, em Florianópolis, reflete-se na imprensa local que

destaca, primeiramente, a aprovação do plano de regularização do Rio Itajai, melhoramento há muito reivindicado por esta região.

30 — Num dos jornais locais, o dr.

Marcílio da Silva Medeiros, digno e honrado juiz de direito da Comarca, faz considerações sobre o novo estatuto da Previdência Social, dizendo: "O negativo é a não extensão dos seus benefícios aos trabalhadores rurais. Os vitais interesses de uma grande classe, o próprio futuro do Brasil, reclamam solução".

— Durante o mês, audaciosos ladrões assaltam casas residenciais, levando jóias, máquinas fotográficas etc., no montante de mais de um milhão de cruzeiros. Um dos assaltantes foi perseguido e preso no município de Tijucas.

— No número 2, do Tomo IV, de "Blumenau em Cadernos", distribuído durante este mês, consta um artigo sobre a Loja Maçônica "Zur Friedenspalme", cujo fundador foi o dr. Blumenau. Lamentando o autor, K. Prober, ter sido esquecido este capítulo da história blumenauense nas comemorações do Centenário de Blumenau, diz ele que outro fato, também, não fora citado no Livro do Centenário de Blumenau: o nascimento, aqui, de um filho do dr. Blumenau — Oto G.H. Blumenau que, nascido em março de 1874 e falecido pouco depois, foi sepultado no nosso cemitério evangélico, onde o túmulo está completamente esquecido.

Não é exata a informação do articulista. A família Blumenau, antes do seu regresso à Alemanha, fez trasladar os restos mortais deste filho para o jazigo da família Wendeburg (substituto do dr. Blumenau na administração da colônia). A prefeitura municipal procedeu à restauração do jazigo (muradas e respectivos túmulos) em 1955. Nas homenagens póstumas, durante o primeiro centenário da Comunidade evangélica de Blumenau, em 1957, foram depositadas coroas nessas sepulturas. O dr. Carlos Fouquet, no ensaio biológico "Vida e Obra do Dr. Blumenau", menciona o filho falecido, recém-nascido, à página 98 do livro do Centenário de Blumenau. E o túmulo, com a respectiva lápide, do filho do dr. Blumenau, está bem à vista, logo na entrada do cemitério evangélico de Blumenau.

MALHARIA MAJU S/A

**ESPECIALIZADA EM LINGERIE FINA
PARA SENHORAS E CRIANÇAS**



BLUMENAU

CAIXA POSTAL, 150 — TELEFONE, 1837

TELEGRAMAS: "MAJUSA"

Fábrica de Tecidos **CARLOS RENAUX S. A.**

Telegramas: **TECIDOS**

FIAÇÃO

TECELAGEM

TINTURARIA

FECULARIAS

DESPACHOS

NAVEGAÇÃO

LOJAS

Tecidos de alta qualidade
Côres firmes

BRUSQUE — SANTA CATARINA — BRASIL